

MEDIDAS DE ACESSIBILIDADE VOLTADAS PARA DEFICIENTES VISUAIS EM MÍDIAS SOCIAIS DE BIBLIOTECONOMIA: o caso do blog Estante de Bibliotecária

Izabel Lima dos Santos

Mestranda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri.

E-mail: zbel.lima@gmail.com

Igor Peixoto Torres Girão

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará.

E-mail: igorpeixoto310@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um relato das medidas de acessibilidade voltadas para deficientes visuais desenvolvidas no âmbito do blog Estante de Bibliotecária e dos perfis em mídias sociais que este blog possui. De caráter descritivo, este trabalho expõe os recursos de acessibilidade existentes nas três mídias – WordPress, Twitter e Instagram – nas quais o blog está presente juntamente com exemplos de uso desse ferramenta. Ademais também são apresentadas as medidas adotadas visando mitigar a ausência de ferramentas nativas de acessibilidade em duas das três mídias sociais analisadas. As mídias analisadas neste trabalho foram acessadas para testes tanto através do computador quanto do *smartphone*. No acesso via computador foi usado o *No Visual Desktop Access* (NVDA) e para o acesso via *smartphone* foi usado o *Talk Back* que é o suporte de acessibilidade nativo do sistema operacional Android. Conclui destacando que a adoção de medidas de acessibilidade em mídias sociais permitiria que uma parcela significativa da sociedade pudesse melhor utilizar esses espaços de sociabilidade.

Palavras-chave: Acessibilidade. Descrição de imagens. Mídias sociais. Blog.

ACCESSIBILITY MEASURES FOR VISUAL DISABILITIES IN SOCIAL MEDIA OF LIBRARIANSHIP: the case of the Estante de Bibliotecária blog

ABSTRACT

This paper presents an account of accessibility measures aimed at the visually impaired developed in the ambit of the Estante de Bibliotecária blog and the social media profiles that this blog has. With a descriptive character, this article describes the accessibility features of the three media - WordPress, Twitter and Instagram - in which the blog is present along with examples of use of this tool. In addition, the measures adopted to mitigate the absence of native accessibility tools in in two of the three social media analyzed are also presented. The media analyzed in this work were accessed for computer and smartphone tests. In the computer access was used the No Visual Desktop Access

(NVDA) and for the access via smartphone was used the Talk Back which is the native accessibility support of the Android operating system. It concludes by pointing out that the adoption of accessibility measures in social media would allow a significant part of society to use these spaces of sociability.

Keywords: Accessibility. Images description. Social media. Blog.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é um processo fundamental para a sociabilidade e a construção de mecanismos que visam dinamizar e ampliar seu alcance tem sido uma constante nas sociedades humanas. O desenvolvimento da escrita, da imprensa, do rádio, do telefone, da televisão, da internet e, mais recentemente, das mídias sociais, são todos acontecimentos de uma contínua cadeia de ações que tem como objetivo primário levar nossas ideias, anseios e reflexões cada vez mais longe.

Este artigo busca descrever algumas iniciativas que representam avanços no que se refere a igualdade de acesso ao conteúdo informacional disponibilizado em um blog sobre Biblioteconomia e nos perfis em mídias sociais que ele possui. Portanto, este relato descreve as práticas de acessibilidade informacional, comunicacional e na web já adotadas no cotidiano de produção de conteúdo deste canal de comunicação.

De acordo com Gonsalves (2004, p. 47) “Ter, como referência, o cotidiano significa [...] acostar-se ao reconhecimento de si e do outro como correspondentes, na diversidade que os integra.” É dentro dessa perspectiva que este trabalho se insere, pois busca refletir e fomentar a adoção de recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual enquanto mais um elo da cadeia comunicacional; elo esse que melhora esse processo e aproxima as pessoas tanto umas das outras quanto do conteúdo informacional de seu interesse.

2 MÍDIAS SOCIAIS

As mídias sociais, também denominadas de mídias sociais digitais ou redes sociais, tem sua origem ligada aos *Bulletin Board Systems* (BBS). Por meio de conexões via telefone, esse sistema permitia que seus usuários fizessem *download* de conteúdo,

participassem de jogos online baseados em texto e trocassem mensagens (BAREFOOT; SZABO, 2010). Apesar do pioneirismo do BBS, foi apenas no final da década de 1990, do século XX, com o lançamento dos primeiros serviços comerciais de blog, que as mídias sociais começaram a adquirir características semelhantes as que possuem atualmente.

De uma maneira simplificada, podemos definir mídias sociais como sendo “[...] sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator.” (BOYD; ELLISON, 2007 *apud* RECUERO, 2009, p. 102). Ou seja, apesar do aparato tecnológico envolvido na construção e desenvolvimento das mídias sociais o que as torna o que são é o fator humano, a interação entre os sujeitos que as integram.

Autores como Barefoot e Szabo (2010) argumentam que as mídias sociais foram construídas a partir de cinco princípios básicos. São eles: comunicação colaborativa e democrática; construção de comunidades; trabalho colaborativo; impressão de infinitude; autenticidade. Esses princípios, os mesmos sobre os quais está alicerçada a Web 2.0, são considerados fundamentais para a construção do atual formato de web social (BAREFOOT; SZABO, 2010).

Acerca das características da sociabilidade viabilizada por essas ferramentas, Capra (2008, p. 22) afirma que “redes sociais são, antes de tudo, redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder e etc”. Assim sendo, por mais altruístas que sejam os princípios nos quais estão fundamentadas, as mídias sociais podem - ainda que de modo não intencional - perpetuar ou mesmo criar novas restrições comunicacionais. Restrições essas que acabam por atrapalhar ou inviabilizar a comunicação de determinados grupos e/ou indivíduos.

Ainda sobre esses processos de interação e comunicação, Silva *et al.* (2015, p. 175) são categóricos ao afirmar que as mídias sociais “[...] visam proporcionar um ambiente de participação e interação por parte do usuário, proporcionando-lhe a possibilidade de gerar, ampliar, enriquecer, organizar ou modificar as informações e conteúdos veiculados por essa mídia”.

Desse modo, ao mesmo tempo em que as mídias sociais podem perpetuar restrições/exclusões comunicacionais, também oferecem a possibilidade daqueles que as utilizam - enquanto “prossumidores” de conteúdo - se apropriarem das ferramentas que elas oferecem a fim de driblar essas restrições. É dentro dessa perspectiva que se inserem

as ações relacionadas a construção de mecanismos de acessibilidade de conteúdos para pessoas com deficiência no âmbito das mídias sociais digitais.

3 ACESSIBILIDADE

Do ponto de vista legal, a acessibilidade é definida no Art. 8º, inciso I, do Decreto 5.296 de 2004, como sendo a

[...] condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e **dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação**, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004. Grifo nosso).

Em um contexto dominado pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), torna-se importante frisar a questão da acessibilidade concernente a disponibilização de conteúdos informacionais para o maior número possível de indivíduos, independente da capacidade físico-motora, cognitiva e sociocultural deles/as, o que inclui a adoção e disponibilização da informação em formatos alternativos sempre que necessário (TANGARIFE; MONT'ALVÃO, 2005).

Este pensamento é reforçado pela fala do inventor da Web, Tim Berners-Lee, quando este afirma que "O poder da Web está em sua universalidade. Ser acessada por todos, independente de deficiência, é um aspecto essencial" (BERNERS-LEE 2001 *apud* TANGARIFE; MONT'ALVÃO, 2005). Percebe-se, assim que os esforços para tornar acessíveis as mídias sociais digitais estão fundamentalmente inseridos no processo de construção de uma sociedade em que a acessibilidade seja a regra e não a exceção.

É oportuno também trazer para a discussão as dimensões de acessibilidade propostas por Sasaki ([2009]). Em seu trabalho, o autor propõe seis dimensões, a saber:

[...] arquitetônica (sem barreiras físicas), **comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas)**, metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). (SASSAKI, [2009], p. 1, grifo nosso).

Destaca-se na proposta de Sasaki ([2009]) a dimensão dedicada a acessibilidade comunicacional, pois ela é a que está mais diretamente vinculada ao contexto das mídias sociais. A implementação dessa dimensão pressupõe que os sujeitos informacionais envidem esforços para eliminar as barreiras que atrapalhem o processo comunicacional o que, no caso de conteúdos veiculados em mídias sociais, pressupõe fazer uso das ferramentas de acessibilidade fornecidas pelas plataformas e, na ausência destas, construir alternativas a fim de que as pessoas com deficiência não sejam excluídas do processo info-comunicacional realizado nesse ambiente.

Se por um lado, a acessibilidade está intimamente ligada a autonomia; por outro os processos de apreensão da informação são fundamentais para o desenvolvimento e constituição de qualquer indivíduo. Portanto, tendo em vista a necessidade de mediar a informação para pessoas com deficiência – seja essa mediação voltada para inserção no mercado de trabalho, nas ações culturais e/ou nas metodologias de educação – realçamos a premência de ter competências e criatividade para desenvolver e/ou utilizar novos recursos visando otimizar (acessibilizar) o processo comunicacional nas mídias sociais.

É comum o discurso de que vivemos em uma sociedade da informação, sendo essa sociedade definida como “[...] o espaço em que se torna universal o acesso aos conteúdos de informação dos estoques de documentos, para todos os habitantes de uma realidade.” (BARRETO, 2003, p. 2). Nesse processo de intensa partilha – processo esse que é intensificado pelas mídias sociais – torna-se relevante o uso das potencialidades que a sociedade da informação pode proporcionar com formas de atrelar, representar, transportar, legibilizar, registrar, organizar e disseminar praticamente qualquer fato, momento, evento, entendendo que esses processos podem ser rapidamente transformados em conteúdos informacionais.

É importante frisar que a acessibilidade, independente do seu foco, significa antes de qualquer coisa, a capacidade de um produto se comunicar com seus usuários. Nesse sentido tornar um conteúdo informacional acessível é proporcionar a capacidade de acesso a quem dela necessite, levando em consideração as potencialidades e deficiências dos usuários, bem como o contexto em que estão inseridos.

Em uma sociedade com tantas formas de se representar, registrar e disseminar a informação, a acessibilidade ganha importância não apenas por melhorar o uso de uma interface, mas por possibilitar o uso dos documentos de forma mais profunda, uma vez

que sem o acesso as nuances do documento é complicado estabelecer vínculos intelectuais, filosóficos e/ou emocionais com o determinado conteúdo.

4 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se enquanto estudo descritivo, pois busca “[...] especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenômeno que se submeta à análise” (HERNÁNDEZ SAMPIERI; FERNÁNDEZ COLLADO; BAPTISTA LUCIO, 2006, p. 101).

Assim sendo, este trabalho buscou descrever os procedimentos voltados para a acessibilidade, com foco na descrição de imagens, desenvolvidos pelo blog Estante de Bibliotecária nas suas três instâncias de presença digital, a saber: o blog propriamente dito, hospedado na plataforma WordPress, e os seus perfis no Twitter e no Instagram.

Ademais buscou-se também avaliar a efetividade dessas práticas que acessibilizar, principalmente, o conteúdo imagético postado. É importante chamar a atenção para o fato de que essas condutas são dependentes do uso de programas de acessibilidade como os leitores de tela. Estes programas, mesmo não sendo objetos diretos de nossa análise, precisam ser citados e minimamente explicados visando melhor clareza metodológica.

As plataformas analisadas neste trabalho foram acessadas para testes tanto através do computador quanto do *smartphone*. No acesso via computador foi usado o *No Visual Desktop Access* (NVDA) que é um leitor de tela australiano de licença aberta. Para o acesso via *smartphone* – no caso, um Moto G Plus de quinta geração – foi usado o *Talk Back* que é o suporte de acessibilidade nativo do sistema operacional Android.

Os dois programas têm naturezas semelhantes, pois funcionam verbalizando elementos textuais que formam a estrutura dos elementos em tela e vocalizam o que está textualmente disposto na tela incluindo as legendas de imagens. Outro fator importante de mencionar é que ambos modificam a forma básica que o usuário lida com o suporte.

No leitor de telas NVDA, assim como em outros leitores de tela semelhantes, a navegação tem como principal peculiaridade permitir que o conteúdo da página seja totalmente acessado por meio do teclado, ou seja, exclui a necessidade do mouse. A navegação entre os links é feita através da tecla Tab e as linhas de informação textuais podem ser ouvidas por meio da navegação usando as teclas de setas do teclado.

Em relação ao *Talk Back*, a interação se dá através de *touch screen*, ou seja, o usuário terá a informação vocalizada do que estiver abaixo do seu dedo quando tocar a tela. O aparelho permite que as configurações sejam modificadas, mas a configuração de fábrica, que foi a adotada neste estudo, é para que os ícones e links sejam sinalizados por voz ao primeiro toque e ativados com dois toques.

5 DESCRREVENDO MEDIDAS DE ACESSIBILIDADE EM MÍDIAS SOCIAIS

O blog Estante de Bibliotecária foi criado no dia 16 de novembro de 2014 e tem como objetivo compartilhar resenhas, informações sobre eventos de Biblioteconomia e áreas correlatas e discutir experiências profissionais. Em novembro de 2017 foi lançado um perfil (@EstanteBiblio) do blog no Twitter e, no dia 1 de janeiro de 2018, foi criado o seu perfil (@estantedebibliotecaria) no Instagram. São, portanto, essas as atuais representações e instâncias de divulgação de conteúdo que o blog Estante de Bibliotecária possui.

Cada uma das plataformas – WordPress, Twitter e Instagram – ocupadas pelo Estante de Bibliotecária apresentam características próprias e possuem recursos de acessibilidade específicos, sendo que o blog procura utilizar todas as opções de acessibilidade disponíveis nas mídias.

Em todas as descrições de imagens realizadas se busca seguir alguns critérios. Critérios esses que foram elaborados a partir da proposta de Fiorini e Manzini (2009). São eles:

1. Objetividade: descrição da imagem como ela é. Juízos de valor sobre a imagem não são realizados no espaço das descrições;
2. Brevidade: concisão visando evitar que as descrições fiquem longas e de leitura cansativa;
3. Descrição feita do geral para o específico;
4. Terminologia especializada é evitada, sendo adotada somente quanto estritamente necessário;
5. Descrição da posição (em cima, embaixo, direita, esquerda) dos elementos principais da imagem.

É importante destacar que a proposta de Fiorini e Manzini (2009) é mais detalhada que a apresentada anteriormente, porém ela foi adaptada com o objetivo de melhor

adequar as descrições as características – incluindo o espaço disponibilizado para tal prática – das mídias sociais.

A primeira mídia aqui analisada será o Instagram. Essa plataforma não possui nenhuma opção nativa voltada para descrição de imagens. Entretanto, através da adoção da *hashtag* #PraCegoVer, criada em 2012 pela professora Patricia Braille, é possível descrever o conteúdo (objetos, cores, formas, texto, etc.) presente nas imagens. Essa *hashtag* tem ganhado espaço nas mídias sociais, já tendo sido, inclusive, adotada em perfis oficiais de comunicação de órgãos públicos e de empresas privadas.

Nessa mídia social, a legenda e demais informações textuais que vão acompanhar a imagem são colocadas e, posteriormente, é adicionada a *hashtag* #PraCegoVer acompanhada da descrição da imagem. O print a seguir exemplifica esse procedimento.

Figura 1 - Print de postagem no Instagram onde a *hashtag* #PraCegoVer é utilizada



Fonte: Elaborado pelos autores

A imagem presente no print anterior foi descrita da seguinte forma “#PraCegoVer: Quadrado vermelho. No topo, a esquerda, estão grandes aspas. As aspas e a citação de Carl Sagan são na cor branca”. Nessa descrição é possível observar alguns dos critérios citados anteriormente. A observância desses critérios no processo de descrição é fundamental, pois, além do seu uso mitigar os problemas de acessibilidade da plataforma, ajudam a

evitar descrições demasiado longas e sem padrão o que acabaria por afastar deficientes visuais desses conteúdos.

A opção *Stories*, presente no Instagram, devido a sua estrutura, inviabiliza o uso de recursos de acessibilidade como a hashtag descrita. Por conta disso, evita-se postar o conteúdo principal do perfil nesse formato.

Caso a pessoa com deficiência opte por acessar o Instagram do blog através de um computador fazendo uso do leitor de tela, a navegação será mais truncada do que a realizada via *smartphone*, pois a plataforma foi desenhada para ser majoritariamente usada em dispositivos móveis. Nesse caso a navegação será um pouco mais lenta, mas funcionalmente exequível apesar da persistência dos problemas já descritos.

A segunda mídia analisada é o Twitter e nela existe a funcionalidade “Descrição de imagens”, dentro da opção Acessibilidade. Porém, é importante frisar que, no caso desta mídia social, a opção Descrição de imagens não vem ativada, sendo preciso acessar as configurações de conta para realizar sua habilitação.

Para descrever uma imagem nessa mídia, primeiro é preciso carregar a imagem em um tuíte. Após o carregamento, é só clicar na opção “Adicionar descrição” localizada abaixo da imagem carregada e utilizar o espaço que irá se abrir para inserir os dados descritivos. O print a seguir ilustra parte desse processo. Abaixo da imagem, há uma caixa de texto onde é possível ler o início de uma descrição. O texto descritivo é “Imagem com fundo branco onde aparece uma prateleira de livros”.

Figura 2 - Print do espaço destinado a descrição de imagens no Twitter

Fonte: Elaborado pelos autores

Além de possuir a opção de acessibilidade anteriormente descrita habilitada, o perfil do blog no Twitter faz uso de recursos auxiliares. Exemplo disso é a adoção do *bot*¹ Please Caption! (@PleaseCaption). Esse *bot* informa, quando for o caso, aos perfis que o seguem que as imagens por eles postadas não possuem descrição. Esse aviso permite ao perfil que postou a imagem postá-la novamente com a descrição ou adicionar um comentário descrevendo seu conteúdo. Essa ferramenta não foi desenvolvida pelo Twitter, entretanto, sua divulgação por parte de usuários preocupados em melhorar a acessibilidade do conteúdo imagético compartilhado nessa mídia tem ajudado a disseminá-la.

A presença do blog no Twitter é recente e, nesse curto período, foi priorizado o compartilhamento de conteúdo textual nessa plataforma. Esse aspecto tanto melhora a acessibilidade quanto é mais condizente com a proposta desta mídia social. Exemplo dessa priorização é o fato das imagens com citações postadas no Instagram, terem apenas seu conteúdo textual, no caso a citação em si, replicado no Twitter.

É importante frisar que no caso do Twitter e do Instagram, a descrição só é realizada nas imagens que são primariamente postadas pelos perfis do blog. Isso ocorre

¹ *Bot*, *robot* ou *internet bot* é uma aplicação de software ou programa de computador desenvolvido com o objetivo de automatizar procedimentos repetitivos e, assim, auxiliar no desempenho de atividades.

por limitações de funcionalidade das ferramentas. Entretanto, se busca, sempre que possível e/ou necessário, adicionar informações que permitam as pessoas com deficiência visual uma melhor compreensão do contexto da imagem. Essa adição pode ser feita, tanto no Instagram quanto no Twitter, através de comentários realizados pela administradora do blog nas postagens que possuem imagens.

A última mídia analisada é o WordPress. Por ser a plataforma nativa do blog e a mais antiga a ser utilizada apresenta um maior histórico de (tentativas de) ações voltadas para a acessibilidade de seus conteúdos. O blog aqui examinado utiliza o wordpress.com que é um serviço de hospedagem de blogs que permite a seus usuários criarem um endereço web, além de oferecer variados recursos e planos de uso (gratuito e pagos). (AUTOMATIC, [2018]; PERNAMBUCO, 2013).

No que se refere a acessibilidade, o WordPress carece que *plugins*² e outros instrumentais sejam adicionados a sua estrutura a fim de otimizar a acessibilidade. Alguns *plugins* disponíveis no mercado são o *Watool*, o *AccessibilityPress*, o *SOGO Acessibilidade*, dentre outros. É importante frisar que alguns desses *plugins* só possuem versões proprietárias (pagas) – o que pode restringir seu uso – e que, diante das alternativas existentes, caso opte-se por usar essas ferramentas, será necessário combinar mais de uma delas a fim de obter uma associação satisfatória de recursos.

No WordPress os blocos de texto são lidos pelo leitor de tela à medida que o cursor atinge as linhas nas quais as descrições foram feitas. Isso independe do cursor estar sendo comandado pela ponta dos dedos ou pelas setas do teclado.

No que se refere as imagens, originalmente, seu processo de descrição era feito no espaço destinado a legendagem, porém o fato de serem usados dois formatos de texto, legenda e descrição da imagem³, num mesmo lugar deixava alguns leitores confusos. Isso fez com que essa estratégia de descrição fosse abandonada. Foi testada a opção de inserir a descrição das imagens nos espaços “Descrição” e “Texto Alternativo” numa tentativa de que tal descrição ficasse visível apenas para leitores de tela.

Todavia, diante da ineficiência dessa alternativa e após a adoção no perfil do Instagram e comprovação da viabilidade da hashtag #PraCegoVer a descrição das

² *Plugins* são programas de computador capazes de adicionar funções a outros programas. Suas aplicações são variadas, mas a principal delas é estender as funcionalidades de um produto (blog, navegador, programa de computador etc).

³ Apesar de semelhantes há uma diferença entre legenda e descrição. A legenda é um texto, normalmente curto, que acompanha uma imagem e seu conteúdo pode de caráter explicativo ou um comentário. Já a descrição é necessariamente a representação do conteúdo da imagem em outro formato, no caso, o escrito.

imagens presentes nas postagens do blog passou por nova reformulação. Essa mudança gerou a adoção da referida hashtag seguida da descrição, dessa vez desacompanhada de outros textos, sendo que ambas são colocadas logo abaixo das imagens postadas. Depois da descrição aparecem apenas os créditos da imagem postada.

Figura 3 - Print de postagem do blog em que a hashtag #PraCegoVer é usada

Ok... Não tá, literalmente, chovendo marca páginas, mas você que pediu e/ou que quer muito ter um marca páginas aqui do bloguinho pra chamar de seu, acesse [este link aqui](#), responda três perguntinhas, preencha os dados e aí é só esperar.

O [link](#) vai tá aberto para respostas a partir de hoje, dia 10 de junho, e ficará disponível pra preenchimento enquanto durarem os estoques de marcadores.

Alguns avisos!

- Vou postar todos os marcadores de uma vez e eles serão enviados via Correios, na modalidade carta simples.
- Seria muito legal se vocês me avisassem que os marcadores chegaram sãos e salvos. Este aviso pode ser feito com um comentário aqui no post, uma mensagem no Facebook, uma mensagem e/ou



Fonte: Elaborado pelos autores

O texto usado para descrever a imagem presente no print acima foi “#PraCegoVer: Fotografia de seis marca páginas do blog. Nos marcadores há o desenho, em estilo minimalista, de uma prateleira de livros e o nome do blog escrito em marrom.” Nele também é possível observar alguns dos critérios para descrição de imagens elencados no começo deste tópico.

Optou-se por esse novo formato porque ele apresenta maior clareza, facilidade de acesso e entendimento para o deficiente visual. Os leitores que enxergam normalmente, com o uso da hashtag, também tem um melhor entendimento da função que está sendo atribuída para o conteúdo textual presente no espaço destinado a legenda.

Os procedimentos e os exemplos de descrição aqui expostos não representam o ideal de qualidade da prática de descrição de imagens, entretanto, em um contexto ainda carente de práticas semelhantes, eles representam um importante passo e podem

contribuir para que veículos de comunicação, destinados ou não a área de Biblioteconomia, incorporem e contribuam para o aprimoramento de tais práticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a construção de uma sociedade pautada na equidade uma das muitas contribuições que a Biblioteconomia pode oferecer, a acessibilidade do conteúdo informacional produzido por e para bibliotecários/as não deve mais se constituir como exceção, mas sim como regra.

A busca constante pela acessibilidade deve estar presente em todas as nossas práticas e, caso essas práticas esbarrem em entraves de ordem instrumental (ausência de funcionalidades nativas voltadas para a acessibilidade numa dada mídia social, por exemplo), deve-se sempre buscar alternativas para contornar e/ou superar esses impedimentos de acesso a completude do conteúdo informacional.

É fato que as ações voltadas para acessibilidade aqui relatadas representam muito pouco diante da vertiginosa quantidade de conteúdos disponibilizados na internet, entretanto

Negar que uma soma de pequenos fatos, produtos da iniciativa humana possam modificar a natureza de um sistema, significa negar a própria possibilidade das alternativas revolucionárias, que se manifestam apenas num dado momento, em seguida à pressão de fatos infinitesimais, cuja agregação (embora puramente quantitativa) explodiu numa modificação qualitativa. (ECO, 2008, p. 51).

Ou seja, a existência desses recursos e a persistência na sua utilização oferece a possibilidade de alterar tanto quantitativa quanto qualitativamente as ferramentas e opções de acessibilidade existentes nas mídias sociais. Essa alteração se constituiria numa espécie de revolução info-comunicacional, pois permitiria que uma parcela significativa da sociedade pudesse melhor utilizar esses espaços de sociabilidade.

Retomando o pensamento de Sasaki ([2009]) se pode afirmar que ações como as aqui apresentadas, caso implementadas em maior escala, podem contribuir para que a sociedade avance na construção de uma acessibilidade plena nos conteúdos informacionais disponibilizados em mídias sociais. A construção desse meio acessível impacta diretamente na inclusão dos sujeitos. Inclusão esta que é entendida por Sasaki

(1997 *apud* MIGLIOLI; SANTOS, 2017, p. 137) “[...] como um paradigma de sociedade, o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana [...] com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações”.

Práticas como as descritas neste trabalho contribuem para o estabelecimento desse paradigma porque havendo uma possibilidade adequada para a comunicação com as pessoas com deficiência, estas poderão apreender de maneira autônoma e com maior completude a informação e, assim, sinalizar e reivindicar o que melhor atende seus interesses pessoais e de cidadão modificando a realidade, além de se incluírem como atores no meio, evocando protagonismo e escolhendo com maior segurança os caminhos informacionais pelos quais seguir.

REFERÊNCIAS

AUTOMATIC. **Escolha seu sabor do WordPress.com**. [2018]. Disponível em: <<https://br.wordpress.com/pricing/>> Acesso em: 12 out. 2018.

BAREFOOT, Darren; SZABO, Julie. **Manual de marketing em mídias sociais**. São Paulo: Novatec, 2010.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. O tempo e o espaço da sociedade da informação no Brasil. **Informação & Informação**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 1-9, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1707/1458>> Acesso em: 5 abr 2018.

BRASIL. Decreto nº 5. 296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 dez. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm> Acesso em: 5 abr 2018.

CAPRA, Fritjof. Vivendo redes. *In*: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila [Org.]. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 17-29.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Procedimentos para descrição de figuras em texto impresso visando a acessibilidade para pessoas cegas: um estudo a partir de um livro de educação física adaptada. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2009. Disponível em: 13 p. <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/293.pdf>> Acesso em: 1 jun 2018.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Da ciência e de outros saberes**: trilhas da investigação científica na pós-modernidade. Campinas: Alínea, 2004.

MIGLIOLI, Sarah; SANTOS, Gilmara Almeida dos. Acessibilidade e serviços inclusivos para minorias sociais: a biblioteca do Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 136-149, dez./mar., 2017. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1278>> Acesso em: 12 out. 2018.

PERNAMBUCO, Teresa Rachel de Arruda. **Avaliação na acessibilidade das ferramentas de geração automáticas de blogs**. Recife, 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação, Centro de Informática, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12441>> Acesso em: 12 out. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. [2009]. 9 p. Disponível em: <[https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI - _Acessibilidade.pdf?1473203319](https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319)> Acesso em: 12 out. 2018.

SILVA, Adriano Santos Rocha *et al.* Mídias sociais na administração pública: um estudo sobre a utilização do Facebook pelos municípios do Recôncavo do estado da Bahia – Brasil. **Tourism & Management Studies**, v. 11, n. 2, p. 174-181, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/tms/v11n2/v11a2n20.pdf>> Acesso em: 5 abr. 2018.

TANGARIFE, Timóteo; MONT'ALVÃO, Cláudia. Estudo Comparativo Utilizando uma Ferramenta de Avaliação de Acessibilidade para Web. *In*: LATIN AMERICAN CONFERENCE ON HUMAN-COMPUTER INTERACTION, 2., 2005, Cuernavaca, México. **Anais eletrônicos...** Nova York: ACM Digital Library, 2005. p. 313-318. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/p313-tangarife.pdf>> Acesso em: 5 abr. 2018.

Recebido em: 03 de julho de 2018 Aceito em: 22 de outubro de 2018
--